

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 4



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas 4 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-295-1

DOI 10.22533/at.ed.951192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados e distribuídos nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem por objetivo, apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Neste 4º volume, reuni o total de 23 artigos que dialogam com o leitor sobre temas que envolvem educação, escola e sociedade, dança e desenvolvimento sociocultural, urbanização, memória e museu, inovação social, economia, habitação, arquitetura e identidade cultural, movimentos sociais dentre outros, que são temas que se interligam e apontam críticas e soluções dentro das possibilidades das Ciências Sociais Aplicadas.

Assim fechamos este 4º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A (IN)JUSTIÇA COGNITIVA E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE	
Lívia Salomão Piccinini Karla Moroso	
DOI 10.22533/at.ed.9511926041	
CAPÍTULO 2	25
A CARÊNCIA DO HABITAR NAS POLÍTICAS PÚBLICAS: AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS HABITACIONAIS DE INTERESSE SOCIAL NO DF/BRASÍLIA	
Kenia de Amorim Madoz Marcos Thadeu Queiroz Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.9511926042	
CAPÍTULO 3	40
A INFLUÊNCIA DA DANÇA TRADICIONAL GAÚCHA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO E SOCIOCULTURAL	
Eduardo Fernandes Antunes Maria Aparecida Santana Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.9511926043	
CAPÍTULO 4	45
A PRECÁRIA URBANIZAÇÃO DE FAVELAS DO PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO-PAC	
Josélia da Silva Alves	
DOI 10.22533/at.ed.9511926044	
CAPÍTULO 5	59
ADVERSIDADES DA PRODUTIVIDADE FABRIL BRASILEIRA E FORMAS DE REAVER A SITUAÇÃO	
Hugo Pablo Lourenço Sapia	
DOI 10.22533/at.ed.9511926045	
CAPÍTULO 6	73
ALMA DOS OBJETOS: ABORDAGEM MEMORIAL E BIOGRÁFICA DE UM OBJETO DE MUSEU	
Helen Kaufmann Lambrecht Espinosa Daniel Maurício Viana de Souza Diego Lemos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9511926046	
CAPÍTULO 7	85
ALUGUEL SOCIAL E POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A NECESSÁRIA ALTERAÇÃO DA LEGISLAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	
Luciano Roberto Gulart Cabral Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.9511926047	
CAPÍTULO 8	90
APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: O HABITAR DO MORADOR DAS RUAS	
Dhyulia Roberth Ribeiro Isidoro Cristienne Magalhães Pereira Pavez	
DOI 10.22533/at.ed.9511926048	

CAPÍTULO 9	104
CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA PARA RESSIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO DE QUANTIDADE DE MATÉRIA POR PARTE DE LICENCIANDOS EM QUÍMICA	
Sandra Franco-Patrocínio Ivoni Freitas-Reis	
DOI 10.22533/at.ed.9511926049	
CAPÍTULO 10	131
CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA GERAL DE SISTEMAS PARA A MUDANÇA SISTÊMICA DA INOVAÇÃO SOCIAL	
Daniela de Oliveira Massad Paulo César Lapolli Felipe Kupka Feliciano Leandro Maciel Nascimento Édis Mafra Lapolli	
DOI 10.22533/at.ed.95119260410	
CAPÍTULO 11	145
“CRESCIMENTO ECONÔMICO” COM “RESPONSABILIDADE SOCIAL”: A ESTRATÉGIA NEODESENVOLVIMENTISTA E O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA (PMCMV)	
Caroline Magalhães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.95119260411	
CAPÍTULO 12	157
DÉFICIT HABITACIONAL E CONDIÇÕES DE MORADIA: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE TUPÃ-SP	
Sandra Cristina de Oliveira Leonardo de Barros Pinto Gessuir Pigatto	
DOI 10.22533/at.ed.95119260412	
CAPÍTULO 13	169
FICÇÕES ARQUITETÔNICAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL	
Bruna Dal Agnol Caliane C. O. de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.95119260413	
CAPÍTULO 14	185
FILOSOFIA: REFLEXÕES ÉTICAS NO CONTEXTO INTERDISCIPLINAR EDUCACIONAL	
Bruna Medeiros Bolzani Fernando Battisti	
DOI 10.22533/at.ed.95119260414	
CAPÍTULO 15	196
HUMANIZAÇÃO DE CENÁRIO DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA: OTIMIZAÇÃO DA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO	
Cleuza Bittencourt Ribas Fornasier Mariana Lautenschlager Spoladore Ana Paula Perfetto Demarchi	
DOI 10.22533/at.ed.95119260415	

CAPÍTULO 16	212
LABORATÓRIO FILOSÓFICO “SORGE LEBENS”: MAIORIDADE PENAL E SUAS IMPLICÂNCIAS	
Everton Luis Israel Ribas Vanessa, Steigleder Neubauer Rafael Vieira de Mello Lopes Fagner Cuozzo Pias	
DOI 10.22533/at.ed.95119260416	
CAPÍTULO 17	221
MOVIMENTOS SOCIAIS E INTERNET	
Nildo Viana	
DOI 10.22533/at.ed.95119260417	
CAPÍTULO 18	236
O TRABALHO NAS ECONOMIAS COLABORATIVAS: A PRECARIZAÇÃO E O DISCURSO DA GLAMOURIZAÇÃO	
Carlos Roberto Santos Vieira Elaine Di Diego Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.95119260418	
CAPÍTULO 19	243
PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS EM UMA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DE CERTEAU	
Franciely Chropacz Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov	
DOI 10.22533/at.ed.95119260419	
CAPÍTULO 20	249
PROJOVEM URBANO: UM PROGRAMA INOVADOR PARA A JUVENTUDE?	
Vanessa Batista Mascarenhas	
DOI 10.22533/at.ed.95119260420	
CAPÍTULO 21	260
SENTIMENTOS E SENSações: O MARKETING DE EXPERIÊNCIA COMO ALIADO NA FIDELIZAÇÃO DE CLIENTES	
Guilherme Juliani de Carvalho Briza Gabriela Moreira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.95119260421	
CAPÍTULO 22	271
TRABALHO PENOSO EM TEMPOS DE PRECARIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO NO BRASIL: (DES)CONSTRUINDO CONCEITOS	
Magda Cibele Moraes Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.95119260422	
CAPÍTULO 23	286
TUTELA DO ANIMAL DOMÉSTICO: UMA BREVE RETROSPECÇÃO DO PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO DA HUMANIDADE AOS DIAS ATUAIS NO ÂMBITO DAS CONSTITUIÇÕES FEDERAIS BRASILEIRAS DE 1824 A 1988	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes	
DOI 10.22533/at.ed.95119260423	

FICÇÕES ARQUITETÔNICAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Bruna Dal Agnol

Arquiteta e Urbanista, mestranda em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da IMED (PPGARQ - IMED). Taxista PROSUP-CAPEES.

Passo Fundo – Rio Grande do Sul.

Caliane C. O. de Almeida

Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Coordenadora e Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da IMED e Bolsista de Produtividade da Fundação Meridional. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Teoria e História da Habitação e da Cidade (THAC-IMED).

Passo Fundo – Rio Grande do Sul.

RESUMO: O presente artigo busca entender o papel da arquitetura na formação da identidade social de uma comunidade e como as intervenções na paisagem podem afetar a imagem e a memória da cidade. Para tanto, será analisado o caso da cidade de Serafina Corrêa, localizada no interior do Rio Grande do Sul, numa região cujo processo de formação e transformação sofreu influência significativa, sobretudo, do fluxo migratório italiano. Na década de 1990, Serafina Corrêa passou por uma série de intervenções urbanas. Dentre essas intervenções está a realizada no eixo central da cidade, denominado Via Gênova, por meio da construção de réplicas de

monumentos históricos da Itália, a exemplo do Coliseu Romano e da Villa Rotonda, do importante arquiteto italiano do século XVI Andrea Palladio, numa alusão à terra mãe dos colonizadores. Nesse sentido, pretende-se compreender o papel da arquitetura na construção da identidade da população de Serafina Corrêa, bem como analisar como as intervenções realizadas estimulam as percepções e interferem na paisagem cultural da cidade. Para tanto, realizou-se revisão bibliográfica e pesquisa documental em leis, decretos e notícias publicadas em jornais e em meio eletrônico, além de visitas in loco. Pretende-se, com este estudo, mostrar não somente que a paisagem cultural e o patrimônio arquitetônico de influência italiana representam a cultura da imigração na região, mas também que podem desempenhar importante papel nas requalificações urbanas, empregando elementos que já estão presentes no ambiente urbano e que fazem parte da imagem coletiva e da história da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem cultural. Arquitetura cenográfica. Patrimônio.

ABSTRACT: The present article intends to understand what is the participation of the architecture in the formation of the social identity of a community and how the interventions in the landscape can affect the image and the memory

of the city. Therefore, it will be examined the case of the Serafina Corrêa city, located within the Rio Grande do Sul, a region influenced by Italian immigrants. This small city has experienced a series of urban interventions in the 1990s, where replicas of historical monuments of Italy were implanted in a central axis called Via Genova, alluding to the homeland of their ancestors. This analysis will be done through bibliographical, besides documentary researches and visits in loco. The aim of this study is to show not only that the cultural landscape and the architectural patrimony of Italian influence represent the culture of immigration in the region, but also that they can play an important role in urban requalification, using elements that are already present in the urban environment and which are part of the collective image and the history of the city.

KEYWORDS: Cultural landscape. Scenic architecture. Heritage.

1 | INTRODUÇÃO

A paisagem cultural manifesta as sucessivas mudanças ocasionadas – no tempo e no espaço – pela relação entre homem e natureza por meio da arquitetura, do urbanismo e das diversas formas de apropriação do espaço. Expressa ainda, o modo de vida de uma comunidade e os seus traços culturais, reafirmando assim, a identidade social da população. O processo de globalização e o atual modelo econômico neoliberal colaboram significativamente no processo de homogeneização da sociedade que tem como uma de suas consequências, a redução da diversidade cultural, que acaba, muitas vezes, por gerar uma supervalorização do novo. Tal fato contribui consideravelmente para a eliminação dos chamados “vestígios do passado” nas concepções contemporâneas de planejamento urbano (NÓR, 2010, p.27).

Em contrapartida, a velocidade das mudanças vivenciadas pela sociedade e a consequente perda de valores, de referências e de símbolos faz com que, desde as últimas décadas do século XX, ocorresse uma revalorização do local, do singular, das tradições e da história (CASTELLO, 2000; NÓR, 2010). Concomitante a esta demanda social pelo retorno às raízes, há uma tendência de práticas pós-modernas de intervenções urbanas caracterizadas por empregar elementos da memória cultural na revitalização e renovação de áreas tidas como estagnadas, geralmente localizadas nas zonas centrais e/ou mais antigas das cidades. Para Castello (2001), tal processo ocorre basicamente de duas maneiras: pelo emprego de elementos que já estão presentes no ambiente urbano e que fazem parte da imagem coletiva e da história de determinada cidade; e pela inserção de ícones na paisagem urbana que possuam alguma relação com a memória local, criando cenários que afastam o usuário da realidade e acabam por criar percepções ilusórias. É por este viés que residem as questões que impulsionaram e justificam a realização deste estudo.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objeto de análise a zona central de Serafina Corrêa, uma cidade de pequeno porte localizada no norte do estado do Rio Grande do Sul, numa região colonizada, sobretudo, por imigrantes italianos e que

guarda traços marcantes desta ocupação na paisagem. A cidade passou por uma série de intervenções urbanas na década de 1990, onde foram implantadas réplicas de monumentos históricos da Itália em um eixo central, denominado Via Gênova, numa alusão à terra natal de seus ancestrais. Pretende-se aqui, compreender o papel da arquitetura na formação da identidade social de uma comunidade e como as intervenções na paisagem podem afetar a imagem e a memória de uma cidade. Num segundo plano, procura-se também abordar questões relacionadas à noção e delimitação conceitual de paisagem cultural, bem como à construção de cenários e à mercantilização da paisagem como políticas urbanas.

Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o tema da paisagem cultural fundamentada em autores como Bielschowsky (2016), Figueiredo (2014), Nórr (2010), Castriota (2007; 2013) e Hall (2005), bem como sobre o processo de formação e transformação de Serafina Correa, com base nos estudos desenvolvidos por Castello (2000; 2001) e De Biase (2001), além de pesquisa documental em documentos oficiais, como leis, decretos e Cartas Patrimoniais, encontrados em arquivos públicos da cidade e nacionais. Paralelamente foram realizadas visitas *in loco* para registro fotográfico e observação sistemática (GERHARDT e SILVEIRA, 2009), onde a pesquisadora pode ter um contato mais próximo com o objeto de estudo, utilizando dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos do cotidiano da comunidade.

Assim, este artigo abarca o aporte teórico que trata da paisagem cultural e da evolução do conceito de patrimônio no decorrer do século XX a nível mundial, como também aborda o uso de elementos da memória da cidade em projetos urbanos, que introduzem as análises sobre a cidade objeto de estudo.

2 | PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL: A MEMÓRIA DO LUGAR COMO ELEMENTO DE PROJETO

Para analisar a arquitetura e a paisagem como bens culturais é necessário que se compreenda a evolução do conceito de patrimônio e a elucidação do termo “cultura”. Cultura, segundo definição elaborada pela Unesco para a Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, é o “conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (UNESCO, 2002, p.02). Ou seja, o conceito de cultura abrange as atividades e costumes que representam o modo como o homem interage com o mundo a sua volta. A cultura é dinâmica, passada de geração para geração e adquire diversas formas com o passar do tempo, contribuindo para a construção do sentimento de pertencimento e continuidade. As referências culturais representativas dos diferentes grupos sociais, sejam elas materiais ou imateriais, constituem o patrimônio cultural.

Até a década de 1960, as políticas preservacionistas relacionadas ao patrimônio estavam voltadas, principalmente, para a ideia do monumento, ancorada nos valores excepcionalmente artísticos, históricos e/ou de *ancianidade*¹ (CASTRIOTA, 2007; FIGUEIREDO, 2014). Foi a partir das últimas décadas do século XX que uma outra abordagem de patrimônio cultural passou a afigurar, numa perspectiva de atribuição de valores mais abrangente, abarcando as expressões culturais dos diferentes grupos sociais – não só das classes dominantes –, incluindo o vernáculo e o imaterial.

Mais recentemente passou-se a trabalhar, no âmbito das políticas patrimoniais, o conceito de “paisagem cultural”, que foca na interação entre o patrimônio cultural e o patrimônio natural, até então interpretados e abordados separadamente (CASTRIOTA, 2013). A categoria foi reconhecida, primeiramente, em 1992, na 16ª sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, realizado em Santa Fé, Novo México (EUA). Esta nova perspectiva busca preservar a interação entre o homem e o seu ambiente natural, a paisagem e as relações sociais nela desenvolvidas e, segundo Castriota (2013), representa uma importante contribuição à questão do desenvolvimento sustentável, pois envolve as próprias comunidades. Para Figueiredo (2014, p.01), sustentabilidade no âmbito das políticas patrimoniais implica na preservação do patrimônio de forma interdisciplinar e interinstitucional, considerando-o um recurso ao desenvolvimento e respeitando seu significado e papel na comunidade, para que assim se desenvolva o seu sentido social e de cidadania na construção de um futuro mais igualitário, visando o “direito à memória e à diversidade cultural”.

Nesse sentido, a Recomendação R(95)9 do Conselho de Ministros da Europa, de 1995, preconiza que o conceito de paisagem cultural possui uma natureza multidisciplinar, por isso sua conservação deve ser dada por meio de políticas abrangentes, que contemplem as relações intrínsecas entre as abordagens históricas, culturais, arqueológicas, sociais, econômicas, antropológicas, ecológicas e estéticas de determinado território.

No Brasil, o IPHAN estabeleceu em 2009 o instrumento da Chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Conforme a Portaria Iphan nº 127/2009, que regulamenta essa chancela, a “Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”. Ao contrário do tombamento, que imprime restrições e visa as permanências, a chancela considera o caráter dinâmico das manifestações na paisagem. A dificuldade em se conservar a paisagem cultural reside justamente no fato dela ser dinâmica e viva, pois, dependendo do caráter da mudança, ela pode ser comprometida/ameaçada. Dessa forma, a sua preservação requer um diálogo entre os múltiplos agentes, em uma gestão integrada que harmonize os interesses econômicos, culturais, ecológicos e sociais (BIELSCHOWSKY, 2016).

1. O valor de *ancianidade*, descrito por Alois Riegl em 1904 no seu livro “O culto moderno dos monumentos”, está relacionado à idade dos monumentos e às marcas que o tempo lhe imprime (CHOAY, 2001).

Em se tratando da paisagem urbana, especialmente na sua área central e/ou histórica, esta guarda fatos e referências que expressam a cultura e conformam a memória da cidade, desde a sua fundação até o tempo presente. Com o passar do tempo, a cidade passa a acumular elementos em seus espaços percebidos pelos indivíduos com algum significado e, quando esse significado se torna coletivo, tornam-se referências, dando origem às estruturas referenciais da cidade (LYNCH, 1997; CASTELLO, 2000). Ademais, ao atribuírem significados a certos espaços urbanos, os moradores acabam por definir seus **lugares** na cidade. **Lugar**, de acordo com Augé (1994), é o espaço onde se expressam e se afirmam os valores sociais e culturais de uma população e onde se materializa a sua identidade simbólica.

Castello (2001) afirma que, para fins de projeto urbano, uma articulação bem planejada dos **lugares** públicos na estrutura da cidade possui papel fundamental na urbanidade. Assim, o **projeto do lugar** torna-se uma diretriz básica a ser buscada pelo desenho da revitalização urbana, com a memória coletiva da cidade servindo, em muitos casos, como *marketing* urbano na gestão da cidade contemporânea. Tal associação com a memória do **lugar** “assume posição tática como elemento instrumental para a projeção urbanística, já que se torna no componente ativo do cenário urbano assim projetado” (CASTELLO, 2000, p.12). Esse novo interesse pelo local, com um certo fascínio pela mercantilização da cultura e da peculiaridade, manifesta-se em contraponto à tendência homogeneizadora do atual processo de globalização (HALL, 2005).

Como já foi dito anteriormente, há dois enfoques pertinentes nos projetos de intervenções urbanas que fazem uso de referências da memória do **lugar**: um utiliza, nas intervenções, elementos de valor cultural e patrimonial já presentes na paisagem urbana, de maneira a estimular mais intensamente a percepção dos usuários; o outro enfoque está relacionado à implantação de ícones no ambiente com a intenção específica de estimular determinada percepção. Sobre esse segundo enfoque, Castello (2001) afirma que:

Lugar, nesse urbanismo, não é mais uma realidade: é uma fantasia materializada, onde a ação projetual tende a obliquamente gerar lugares mais próprios de uma *meta*-realidade, oferecendo imagens que transcendem a realidade enfadonha do cotidiano das cidades. Ou seja, tende a um '*meta*-urbanismo' (CASTELLO, 2001, p. 07).

Observa-se comumente que, em muitos desses casos, a paisagem cultural é utilizada como recurso socioeconômico empregado no desenvolvimento local. Por se tratar de um recurso não-renovável, esse uso deve ser planejado de forma que o seu caráter peculiar e a sua integridade sejam preservados. Contudo, tais práticas muitas vezes acabam por transformar a paisagem em mercadoria, num objeto de consumo, fazendo com que se percam os seus reais significados.

David Harvey (2005) cita Barcelona como um exemplo dessa transformação da cidade em um espetáculo para turistas. Segundo o autor, Barcelona apostou em seu

capital simbólico para entrar na lista das proeminentes cidades europeias, por meio do realce dado aos aspectos relacionados à tradição catalã e do marketing em torno das realizações artísticas e arquitetônicas de seus célebres habitantes, a exemplo de Gaudí.

No Brasil, muitas cidades utilizam elementos da memória dos lugares nas intervenções urbanas. Porém, há casos em que essa prática chega próxima à *disneyficação*², como na cidade gaúcha de Gramado, onde há a tentativa de reproduzir as paisagens urbanas dos Alpes Europeus. Essa prática também se mostra presente em pequenos centros interioranos, a exemplo de Serafina Corrêa, no Nordeste do Rio Grande do Sul, objeto deste estudo e que será tratada a seguir.

3 | A CONSTRUÇÃO DE UM CENÁRIO

Kevin Lynch afirma em seu livro *A Imagem da Cidade* (2011) que as pequenas cidades são, muitas vezes, privilegiadas por possuírem um ambiente belo, uniforme e agradável. Por isso, a maior parte da população americana, que vive nas caóticas grandes cidades, relaciona a qualidade ambiental às cidades vistas em breves visitas de férias e/ou na condição de turistas. Nesses casos, o turista busca suprir seu cotidiano rotineiro na autenticidade das referências culturais vivida pelos moradores desses lugares (PAIVA, 2015).

No Brasil, segundo Paiva (2015), muitas das comunidades quilombolas, caiçaras, indígenas e de imigrantes apresentam suas heranças culturais como distintivos de identidade, almejando reconhecimento social e valorização de sua cultura. Um desses casos é a cidade gaúcha de Serafina Corrêa, situada em uma região colonizada em grande parte por imigrantes italianos, os quais imprimiram sua marca na paisagem e influenciaram diretamente na construção da identidade de seus moradores, como será mostrado adiante.

Para melhor compreender essa influência, faz-se pertinente uma elucidação sobre os fluxos migratórios na região. A partir do século XIX, o estado do Rio Grande do Sul teve parte de seu território ocupado por migrantes advindos de diversas partes da Europa, principalmente da Alemanha e da Itália. A vinda desses europeus para o estado provocou grandes transformações no seu panorama cultural, sendo um importante indicador da formação do território gaúcho; o que, segundo Figueiredo (2015, p.01), “permitiu a formação de lugares distintos, paisagens culturalmente instituídas, repletas de bens materiais e simbólicos que denotam a identidade dos lugares, bem como representam relevante elemento da história gaúcha”. Essas paisagens singulares, tanto rurais quanto urbanas, apresentam especificidades que as diferem de outras regiões do país. Os imigrantes italianos, em especial, contribuíram não só para a

2. A *disneyficação* de um lugar se refere à transformação deste em um ambiente para a espetacularização de turistas, onde o patrimônio cultural passa por um processo de artificialização, diminuindo seu contexto social a favor de uma apresentação mais estética e mais facilmente comercializada (PAIVA, 2015).

formação cultural do povo gaúcho, mas também para a construção da história do desenvolvimento econômico interno brasileiro (TRUZZI, 2017).

O estabelecimento dos italianos em locais isolados e pouco ligados aos núcleos urbanos acabou por desenvolver as chamadas **ilhas culturais**, onde foram relativamente mantidas as especificidades culturais dos imigrantes, diferentemente de outras regiões do país, onde foi diversa a forma de integração à cultura local (FIGUEIREDO, 2015). Tais municípios, a exemplo de Serafina Corrêa, geralmente de pequeno e médio porte, possuem, ainda hoje, uma economia basicamente agrícola, com cidades adaptadas a essa demanda (FIGUEIREDO, 2015). A paisagem de Serafina Corrêa retrata as formas culturais de apropriação do espaço pelos imigrantes vindos para a região no fim do século XIX, além dos processos econômicos e sociais ocorridos em diferentes períodos.

O município, situado mais precisamente na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, possui 14.253 habitantes, dos quais 12.054 vivem na área urbana (Censo IBGE 2010). Com uma unidade territorial de 163,283m² de área (IBGE, 2016), Serafina Corrêa faz limite com os municípios gaúchos de Guaporé, União da Serra, Montauri, Casca, Nova Araçá e Nova Bassano; e está a uma distância de cerca de 220 km da capital Porto Alegre (Figura 1).

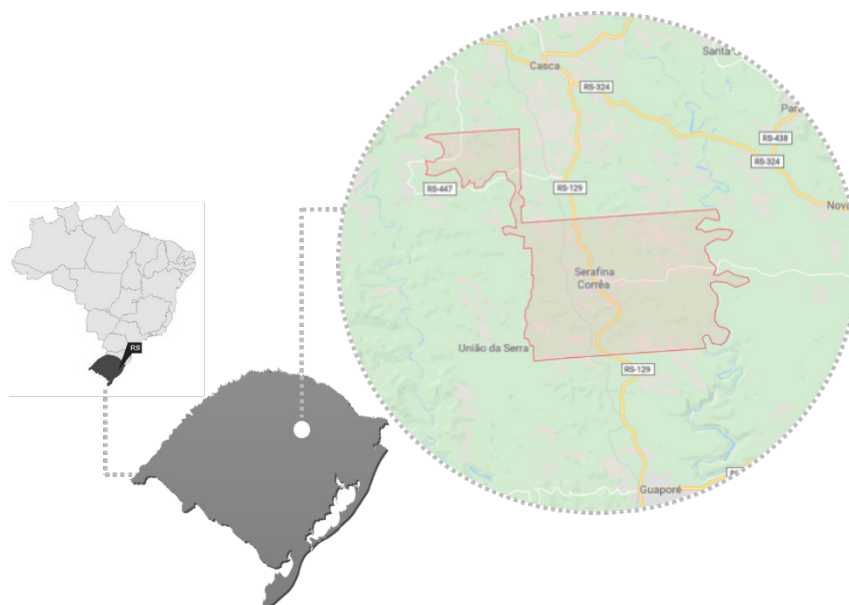


Figura 1 - Localização da cidade de Serafina Corrêa.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de mapas do IBGE (2017).

A localidade, primeiramente denominada Linha 11, fazia parte do território de Guaporé, que a partir de fins do século XIX, passou a receber uma grande quantidade de imigrantes italianos e descendentes destes provindos de outras regiões do estado, principalmente das cidades de Veranópolis e Bento Gonçalves. Em 1911 a Linha 11 tornou-se distrito subordinado ao município de Guaporé por Ato Municipal n.º 40, e passou a ser chamado de Serafina Corrêa, uma homenagem à esposa do primeiro

intendente daquele município. No ano de 1960 Serafina Corrêa foi elevada à categoria de município, pela Lei Estadual nº 3935, juntamente com o distrito de Montauri, que mais tarde desmembrou-se e emancipou-se (IBGE, 2016).

As sucessivas gestões públicas de Serafina Corrêa buscaram (e ainda buscam) ressaltar as referências herdadas da imigração italiana presentes em sua memória cultural. Exemplos disso são as festas tradicionais realizadas na cidade, como a Festitália e a Festipizza, cujas campanhas publicitárias, colocam Serafina Corrêa como “uma das cidades mais italianas do Brasil” (Figura 2). Ademais, desde 2009 o *talian*³ é considerado idioma co-oficial da cidade, pela lei municipal nº 2615 de 13 de novembro de 2013.

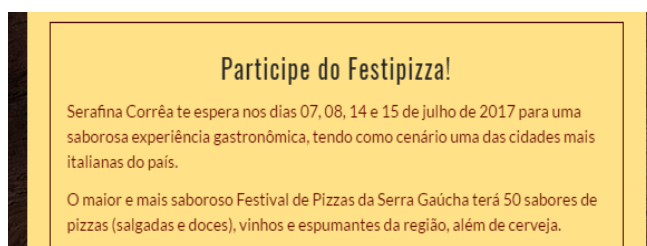


Figura 2 – Anúncio do Festipizza de 2017.

Fonte: www.festipizza.com.br

Em se tratando do marketing urbano em torno da cultura da imigração italiana, um dos mais significativos marcos empreendidos pela gestão pública de Serafina Corrêa – foi a concepção da Via Gênova. Trata-se de uma rua projetada situada em frente à prefeitura municipal, com aproximada de 40 metros de largura onde estão implantados cinco edifícios que se conformam como réplicas de monumentos arquitetônicos italianos, além de um monumento comemorativo, a *Nave degli Imigranti*. Este projeto é tido como polêmico e despertou a atenção, no começo do século XXI, de pesquisadores como Alessia de Biase (2001) e Lineu Castello (2001), por fazer uso de práticas pós-modernas que utilizam a memória de uma cidade para introduzir ícones fictícios na paisagem, transformando-a em um cenário temático e reforçando assim, a marca da cidade no mercado do turismo.

A idealização do projeto se deu a partir do início dos anos de 1990, após a construção do monumento *Nave degli Imigranti* em homenagem aos imigrantes italianos (Figura 3). Este monumento, em forma de barco, foi construído em 1986 pelo artista plástico Paulo Batista de Siqueira (1949-1996) e está implantado sobre a canalização a céu aberto do arroio Feijão Cru, na Avenida 25 de julho (Figura 4). A implantação do mencionado monumento foi o pontapé inicial para a concepção do que viria ser a Via Gênova.

3. Segundo definição dada pelo IPHAN, o *Talian* é uma língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana. Sua origem linguística é o italiano e os dialetos falados, principalmente, na regiões do Vêneto, Trentino-Alto e Friuli-Venezia Giulia e Piemontes, Emilia-Romagna e Ligúria.



Figura 3 – A Nave degli immigranti, monumento em homenagem aos imigrantes italianos.

Fonte: Dal Agnol, 2017.

Conforme dados levantados junto ao Setor de Engenharia da Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa, os engenheiros gaúchos Rudimar A. Peccin e Duarte F. Rottava foram os profissionais responsáveis pelo projeto inicial da Via Gênova, implantado efetivamente no ano de 1994, durante a gestão do prefeito Sérgio Antônio Massolini, no mandato de 1993 a 1996. Segundo as informações fornecidas pelo Setor de Engenharia, as primeiras edificações concebidas na Via Gênova foram as réplicas de *Il Castello Inferiore di Marostica*, da *Casa di Romeo* e da *Casa di Julietta*, inauguradas em maio de 1995. Em novembro do mesmo ano foi iniciada a construção da – cuidadosamente detalhada – reprodução da *La Rotonda*, de Andrea Palladio e do *Colosseo* de Roma; este último concluído somente no ano de 2014. No projeto original da via ainda estava prevista a construção de uma réplica da *Torre di Pisa*, que até o momento não foi executada, por motivos não identificados.



Figura 4 - Delimitação da área de estudo.

Fonte: Imagem de satélite adaptada por Dal Agnol.

Com exceção do Coliseu, que desde de dezembro de 2016 abriga o Centro Municipal de Cultura Cida Franciosi, as demais edificações foram destinadas para o uso comercial. Atualmente, na *Casa di Romeo* funciona uma loja de roupas e um salão de beleza; na *Casa di Giulietta*, uma danceteria; na *La Rotonda*, uma clínica estética e uma loja de artigos para decoração; e o *Castello di Marostica* abriga um bar café. (Figura 5).



LEGENDA:

01 – IL COLOSSEO

02 – LA ROTONDA

03 – IL CASTELLO DI MAROSTICA

04 – CASA DI ROMEO

05 – CASA DI GIULIETTA

Figura 5 – Versões de monumentos italianos que constituem a Via Gênova.

Fonte: Dal Agnol, 2017.

A falta de relação entre a forma e a função das edificações, bem como a descontextualização histórica na qual os estabelecimentos comerciais foram concebidos, associada à exacerbação de formas e características arquitetônicas, tornam o conjunto de empreendimentos ainda mais curioso; podendo ser considerado como exemplares da arquitetura *Kitsch*. Em linhas gerais, a palavra *kitsch* refere-se a todo material e/ou repertório que busque imitar uma produção original, “destinado ao consumo de experiências estéticas facilmente assimiláveis (...)” (GUIMARAENS e CAVALCANTI, 1979, p.09).

Kitsch, para Guimaraens e Cavalcanti (1979), é uma manifestação típica das classes econômicas em ascensão, intrinsecamente ligada à busca de um status sociocultural tido como superior, por meio da absorção de elementos culturais e estéticos pertencentes às classes mais altas. Segundo Sêga (2010), mesmo que para muitos o kitsch seja relacionado ao mau gosto, para o consumidor nem sempre esse mau gosto fica evidente; isso porque usufruir – e até mesmo consumir – um objeto kitsch, traz ao indivíduo a satisfação em estabelecer uma relação de aproximação à uma cultura considerada superior. Por isso tal prática possui forte apelo popular, pois exerce um reforço na autoestima e no ego do cidadão comum (SÊGA, 2010).

Essa abordagem pode ajudar a entender porque a Via Gênova teve boa receptividade por parte da população, como coloca Castello (2001) em estudo com mapas mentais realizado na localidade.

Com exceção do Coliseu, todos os outros edifícios representados estão localizados na região de Vêneto, ponto de partida de grande parte dos emigrados da Itália para o Brasil, que se instalaram na região norte gaúcha. A autora Alessia de Biase (2001) apresenta uma hipótese sobre a escolha desses monumentos. Para de Biase, o fato dos edifícios escolhidos estarem implantados no interior de Vêneto – e não na pomposa capital Veneza – revela como a arquitetura foi utilizada para comunicar a mensagem de uma “venecianidade autêntica” (DE BIASE, 2001, p.183), relacionada às cidades-estados do interior de Vêneto e não da arquitetura bizantina característica de Veneza. Arquitetura essa, marcada por castelos e palácios – construções ricas em detalhes tanto em seu exterior como no interior –, diferente do Vêneto conhecido e vivenciado na época em que os imigrantes embarcaram para o Brasil em busca de melhores condições de vida⁴.

Em relação à escolha do Coliseu, entrevistas realizadas por De Biase (2001) com moradores da cidade mostraram que o monumento foi escolhido por ser um símbolo de Roma, terra do Vaticano e centro do catolicismo, tão presente na cultura dos imigrantes vênéticos; tal constatação intrigou a autora, que faz uma reflexão sobre a contradição que há no emprego de um símbolo da Roma Imperial e pagã para representar a fé cristã.

Interessa observar as várias referências desconexas observadas nos estudos já realizados sobre a Via Gênova e neste presente artigo. O Coliseu de Roma, os palácios do Vêneto, a torre de Pisa (não executada) e o próprio nome do empreendimento, **Via Gênova** (uma referência ao porto de onde partiram os imigrantes), remetem a diferentes regiões políticas, econômicas e culturais de um país que estava em processo de unificação política na época em que os emigrantes o deixaram.

A Rua 25 de Julho conforma-se então, num cenário temático que busca reproduzir (ou introduzir) imagens da memória na cidade contemporânea, do qual a percepção do ambiente torna-se refém. Tal lógica também foi seguida na *main street* da Disneylândia, nos EUA, que reproduz uma rua principal típica das pequenas cidades antigas americanas. A Disney, com o emprego dessa linguagem arquitetônica que reforça a criação de uma fantasia, permitiu o acesso da população a elementos que povoavam o seu imaginário, proporcionando uma fuga à realidade e ao cotidiano (CASTELLO, 2000; VIEIRA, 2013).

No caso de Serafina Corrêa, a busca por referências externas, e em certo porto alienígenas, calcadas na cultura clássica do império romano e da Itália Medieval e Renascentista, parece ser um esforço para abafar as lembranças do passado de

4. A série de transformações econômicas e sociais causadas pela expansão do capitalismo na Europa e o impacto causado principalmente nas zonas rurais resultou no empobrecimento dessa população rural. Na Itália, somaram-se a este fato as consequências do processo de unificação do país – que se consolidou na década de 1860 – resultando numa situação socioeconômica de extrema miséria (MIAZZO, 2011).

privações e pobreza que seus antepassados vivenciaram, destacando aspectos relacionados à riqueza e glória do país de origem. Pode-se relacionar este fato com o que Denise Jodelet (2002) denomina de **Jogo de Memória Urbano**, um artifício para afastar o que pode ser descartado daquilo que se percebe como identidade negativa, e que valoriza o que se percebe no sentido de uma identidade positiva.

Com o passar do tempo, esses ícones implantados na Av. 25 de Julho constituíram uma nova imagem da cidade, baseada em elementos que representam um período de tempo e uma cultura diversa da realidade vivenciada pelos imigrantes italianos que foram homenageados pelo projeto. Assim, esses novos estímulos recebidos na atualidade acabam por interferir ou induzir o que será memória no futuro (BIELSCHOWSKY, 2016).

Enquanto isso, a *main street* de Serafina Corrêa, historicamente construída e representada pela Avenida Miguel Soccol, que abriga edifícios autenticamente presentes no ambiente urbano – os quais materializam a real história da construção da cidade e da identidade cultural da população – sequer é mencionada no encarte que contém os **pontos turísticos** da cidade distribuído por entre os visitantes. Muitas dessas construções vernaculares revelam a adaptação das técnicas construtivas trazidas pelos imigrantes à nova realidade, construídas com material disponível na região, em especial a madeira das araucárias. Dentre os antigos casarões em madeira de araucária, é marcante a presença do Casarão e o Moinho da família Pulga (Figura 6), cuja construção, de acordo com dados da Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa, data de 1892. O edifício e o terreno desta edificação foram adquiridos de particulares pela Prefeitura Municipal em 2015 e, segundo descrição no site da Prefeitura, há a intenção de restaurá-lo e adaptá-lo para abrigar um museu.



Figura 6– Casarão e Moinho da família Pulga, construções em madeira de araucária edificadas no fim do século XIX, representantes da influência da imigração italiana na arquitetura da região.

Fonte: Dal Agnol, 2017.

Outro edifício da cidade, objeto de análise deste artigo, que possui grande valor

patrimonial é a Cantina Cervieri, antiga cantina de vinho e sede da Sociedade Estrela Guaporense, fundada em 1929 (Figura 7). O prédio, também situado na Avenida Miguel Soccol, foi tombado pelo IPHAE no ano de 2010, através da portaria nº 20/2010. O motivo principal do tombamento foi o seu valor como patrimônio industrial, pois a edificação se configura como testemunho do início da industrialização do vinho na região da Serra Gaúcha (IPHAE, 2017). Apesar deste reconhecimento, o edifício encontra-se em situação de abandono, negligenciado pela administração pública, em contraponto à atenção dedicada à Via Gênova; cenário turístico. Além disso, a fachada principal da cantina foi ofuscada pela inserção de um edifício comercial, que teve suas obras iniciadas no mesmo ano do tombamento (Figura 8).

Tais fatos demonstram que o tombamento isolado da obra, sem um plano de preservação do seu entorno, não dá a garantia de salvaguarda do edifício e da paisagem cultural. Fica evidente, então, que há uma necessidade de gestão compartilhada do patrimônio, com uma abordagem multidisciplinar, como preconiza o instrumento da Chancela da Paisagem Cultural Brasileira, que protege institucionalmente o conjunto de fatores que compõem as paisagens, considerando o seu caráter dinâmico.



Figura 7 – Foto antiga da Cantina Cervieri.

Fonte: IPHAE



Figura 8: Fachada da Cantina Cervieri encoberta por edifício comercial.

Fonte: Dal Agnol, 2017

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem não é e nem deve ser tratada como algo estático, inalterável. As transformações ocorridas na paisagem também fazem parte da história da cidade, sendo esta formada por uma sucessão de acontecimentos. A criação de um cenário fictício e a implantação de elementos descontextualizados cultural, histórico e/ou arquitetonicamente no espaço urbano, pode desencadear um processo de desconstrução da memória ou induzir a conformação de memórias fictícias, que contribuem significativamente para a descaracterização da paisagem cultural e a

consequente alteração da percepção que a população tem da cidade.

Mais detalhadamente, a busca por referências que não condizem com a realidade da cidade acaba por prejudicar, ainda, o patrimônio real da população local, que é, muitas vezes, desvalorizado perante estes ícones implantados na paisagem urbana. Tal substituição do patrimônio construído por elementos alienígenas e, por vezes, temáticos, pode acarretar numa perda irreparável relacionada à cultura e à memória coletiva, já que a construção desse cenário tende a criar uma falsa imagem de Serafina Corrêa, prejudicando a sua história e o direito à memória das futuras gerações.

Para a construção de um futuro comum na cidade é fundamental que haja o fortalecimento da identidade comum da sociedade, baseada nas referências sociais e urbanas. Para tanto, é necessária a introdução de políticas que valorizem a paisagem não só esteticamente, mas sim em suas variadas dimensões, sobretudo social. Logo, a valorização da paisagem deve se dar de forma a evitar a alienação do indivíduo, conservando suas raízes e fortalecendo suas identidades, impedindo perdas irreparáveis à memória cidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa PROSUP-CAPES pela bolsa de mestrado concedida.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BIASE, Alessia de. Ficções arquitetônicas para a construção da identidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 16, p. 173-188, 2001.

BIELSCHOWSKY, Bernardo Brasil. Valorização da paisagem como elemento cultural. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo- ENANPARQ, 4, 2016, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: PROPARG / UFRGS, 2016, 17p.

BRASIL, Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. **Diário Oficial da União**, IPHAE, Brasília, DF, 5 mai. 2009. Seção 1, p. 17.

CASTELLO, Lineu. **Revitalização de Áreas Centrais e a Percepção dos elementos da memória**. XXII International Congress of the Latin American Studies Association, Miami, Florida, USA. Anais do Encontro, 2000.

CASTELLO, Lineu. **A iconografia do urbanismo pós-moderno na requalificação urbana**. XXIII International Congress of the Latin American Studies Association, Washington D. C., USA. Anais do Encontro, 2001.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Intervenções sobre o patrimônio urbano**: modelos e perspectivas. Fórum Patrimônio: ambiente construído e patrimônio sustentável, v. 1, n. 1, 2007.

CASTRIOTA, Leonardo B. Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 162.02, **Vitruvius**, nov. 2013.

- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2001. 282 p.
- FIGUEIREDO, Lauro César. Paisagens e construção de cidades a partir da imigração no Rio Grande do Sul. Patrimônio, preservação e memória. **Arquitextos**, São Paulo, ano 16, n. 182.04, Vitruvius, jul. 2015.
- FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. Patrimônio, cidade e política urbana. Hiatos e equívocos na legislação urbanística de São Paulo. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 168.02, Vitruvius, maio 2014.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.
- GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura Kitsch suburbana e rural**. Rio De Janeiro, FUNARTE, 1979. 78 p.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, David. **A Produção Capitalista Do Espaço**. São Paulo: Editora Annablume, 2005.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rs/serafina-correa/panorama>>. Acesso em: 13 jun. 2017.
- IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Disponível em: < <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=35701> > Acesso em: 23 jun. 2017.
- IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Cartas patrimoniais**. 3. Ed. rev. E aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
- JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: RIO, Vicente del; DUARTE, Cristiane Rose; Paulo Afonso Rheingantz. (Org.). **Projeto do Lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. 1. ed. Rio de Janeiro, 2002, v.1 , p. 31-43.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- NÓR, Soraya. **Paisagem e lugar como referências culturais**: Ribeirão da Ilha-Florianópolis. 2010. 231 f. Diss. Tese (Doutorado em Geografia) – Curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- PAIVA, Odair da Cruz. Imigração, patrimônio cultural e turismo no Brasil. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 23, n. 2, p. 211-237, 2015.
- SÊGA, Christina Maria Pedrazza. O kitsch está cult. **Revista signos do consumo** – V.2, N.1, 2010. P. 53-66.
- SERAFINA CORRÊA. Lei nº 2615, de 13 de novembro de 2009. Dispõe sobre a co-oficialização da língua do talian - vêneto brasileiro, à língua portuguesa, no município de Serafina Corrêa – RS. SERAFINA CORRÊA, Prefeitura Municipal. Disponível em: < <http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/> >. Acesso em: 20 jun. 2017.
- TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista**: Percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- VIEIRA, Natalia. Uma história forjada: a construção do cenário da praça da convivência no “Corredor Cultural de Mossoró”– RN. In: ARQUIMEMÓRIA, 4, Salvador. **Anais...** Salvador, 2013.

UNESCO, DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL, 2002. Disponível em <
<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf> > Acesso dia 15 de junho de 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-295-1



9

788572 472951